

E SOBRE ESTA PEDRA

GUY JOSÉ

Nas últimas eleições houve um candidato distrital cuja proposta era de apresentar um projeto de lei restringindo a utilização do termo Bispo, como uma marca patenteada, à Igreja Católica.

O assunto pode prestar a um leve sorriso irônico, mas, acredito eu, merece um instante de reflexão à luz da Teologia Dogmática, sem pregar uma nova era das Cruzadas ou sem cair num proselitismo barato.

Cristo, a Quem “todo poder” fora dado pelo Pai, não quis deixar uma doutrina escrita mas um magistério vivo capaz de se adaptar a todas as circunstâncias e as todas as necessidades. Escolheu os doze Apóstolos a quem deu o mandato que o Pai lhe confiara de ensinar e santificar os homens. “*A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio.*” depois dessas palavras, soprou sobre eles e lhes disse: “*Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados; aqueles a quem os retiverdes, serão retidos*” (Jo 20,21-23). E antes de sua Ascensão disse a eles: “*Todo poder me foi dado no céu e na terra. Ide então, ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do espírito Santo, ensinando-os a guardarem tudo o que vos mandei. Eis que estou convosco até o fim dos tempos*” (Mt 28,19-20) Eis então os Apóstolos investidos da tríplice função de Doutores, Pastores e Sacerdotes ao pontode se identificarem com Ele “*Quem vos ouve, ouve a Mim; quem vos rejeita, a Mim é que rejeita*” (Lc 10,16). E mais: a afirmação que ele estará com eles “*até o fim dos tempos*” indica que se trata de uma missão que não deverá terminar com os Apóstolos mas que esses deverão ter sucessores porque em todos os tempos haverá homens a quem se deverá anunciar a palavra de Deus.

É historicamente certo que os Apóstolos providenciaram efetivamente sucessores. Nas comunidades cristãs onde eles guardavam a alta direção, nomearam um grupo de Anciãos (*presbíteroi* em grego de onde vem o nome presbíteros) e que eram designados, às vezes, de supervisores (*episcopi* de onde vem os bispos), as duas palavras foram usadas indiferentemente no início. Nos Atos dos Apóstolos, São Paulo, a caminho de Jerusalém, mas não podendo ir até Éfeso para visitar essa florescente comunidade cristã, despachou um mensageiro para chamar “*os presbíteros da Igreja*” e falou-lhes assim: “*...Tende cuidado convosco e com todo o rebanho que o espírito Santo vos deu para guardar, sendo assim pastores da Igreja de Deus que ele adquiriu com o sangue de seu Filho.*” (At 20,17.28). Aos poucos os Apóstolos confiavam a um desses Anciãos a função de diretor especial. Assim São Paulo fez de Tito o Bispo da

ilha de Creta e de Timóteo, o de Éfeso. Ele escreve a esse último: “*Te peço que reanimes o dom de Deus recebido pela imposição de minhas mãos...*” (2 Tm 1,6), e termina exortando-o a não impor as mãos depressa (1 Tm 5,22) É, pois pela imposição das mãos de Paulo que Timóteo foi investido de suas funções e tem, por sua vez, o direito da imposição das mãos sobre aqueles que estão sob sua jurisdição. O mesmo se acha na carta a Tito: “*Te deixei em Creta para que fizesses o que ainda faltava e nomeasses presbíteros em cada cidade conforme te ordenei...*” (Tt 1,5)

São Tiago, o Menor, também chamado de “irmão do Senhor” era o verdadeiro Bispo de Jerusalém. No tempo de São Inácio de Antioquia († 107 em Roma) já tínhamos toda a hierarquia (= governo sagrado), com as atribuições nitidamente delimitadas de cada um. Na sua carta aos fiés de Tralles, Santo Inácio diz, entre outras coisas, que sem Bispo, sacerdotes e diáconos, não podia ter uma Igreja. “*Todos tem que obedecer ao Bispo como Jesus Cristo obedeceu ao seu Pai, aos sacerdotes como aos Apóstolos; quanto aos diáconos, esses devem ser respeitados como é a vontade de Deus*” (Carta à Igreja de Smyrnos, 8,1). “*Dou minha vida para aqueles que obedecem ao bispo, aos sacerdotes e aos diáconos*” (Carta a Polycárpo, 6,1)

Vemos então que os bispos são os legítimos sucessores dos Apóstolos, e os sacerdotes, os seus colaboradores e representantes. A cadeia sólida e nunca quebrada, forjada pela imposição das mãos, vai dos Apóstolos aos nossos Bispos; ela condiciona a sucessão apostólica que, por sua vez, garante a apostolicidade da doutrina e do governo da Igreja.

Portanto, mesmo que não se possa falar em uma marca patenteada, podemos dizer que no plano da Igreja de Deus, ninguém pode se intitular Bispo (ou pior, Bispa) se não foi ungido com o óleo do crisma e investido com a imposição das mãos de um legítimo sucessor dos Apóstolos. São Paulo vai mais longe: *Ninguém deve atribuir-se esta honra, senão o que foi chamado por Deus, como Aarão. Deste modo, também Cristo não se atribuiu a si mesmo a honra de ser Sumo Sacerdote* (Hb 5,4-5).

Não vamos entretanto levantar a bandeira de uma nova cruzada. Fortificados na nossa fé e na origem divina do magistério da Igreja, podemos, por exemplo, esperar o dia em que se fará a separação do joio do trigo, ou nos lembrarmos dessas ponderadas palavras do Cristo (citadas de memória) quando os discípulos vieram pedir permissão para acabar com certas pessoas que faziam milagres, mas que não pertenciam ao grupo do discípulos: “*Quem não está contra Mim está trabalhando ao Meu favor*”.

ONOMÁSTICOS, ANIVERSÁRIOS E OUTRAS CELEBRAÇÕES

DOS MONGES

JANEIRO

15 D. Pedro Henrique Bezerra Magalhães - *Aniversário*16 D. André R. Neves - *Aniversário*29 D. Agostinho O. dos Santos - *Aniversário*

FEVEREIRO

10 D. Justino S. de Souza - *Ordenação*

MARÇO

04 D. Patrício de V. Martins - *Profissão*17 D. Patrício de V. Martins - *Onomástico*18 D. Isaías N. da Silva - *Aniversário*19 D. Pedro Henrique Bezerra Magalhães - *Profissão*21 D. Isaías N. da Silva - *Profissão*

ABRIL

24 Arcebispo D. João Braz de Aviz - *Aniversário*

MAIO

11 D. Hugo da S. Cavalcante, *Prior - Onomástico*22 D. Romano Moraes, *Subprior - Onomástico*31 Ir. Doroteu Zelaya Franco - *Aniversário*31 Arcebispo D. João Braz de Aviz - *Ordenação Episcopal (1994)*

DOS OBLATOS

JANEIRO

04 Ir. João Evangelista (João) Godinho Barros - *Aniversário*21 Ir. Inês (Luzia) Telles Teixeira - *Onomástico*27 Ir. Ângela (Maria) Rocha Godinho Barros- *Onomástico*

FEVEREIRO

10 Ir. Escolástica (Therezinha) Silva de Souza - *Onomástico*Ir. Escolástica (Lubélia) de Matos Vieira Guerra - *Onomástico*15 Ir. Beatriz (Maria Gracinda) dos Santos Alves - *Aniversário*

MARÇO

04 Ir. Bernardo (Clóvis) Sena - *Aniversário*09 Ir. Escolástica (Therezinha) Silva de Souza - *Aniversário*Ir. Francisca Romana (Aura) Cid Lopes - *Onomástico*19 Ir. José (Ricardo) Leal - *Aniversário*Ir. José (Ricardo) Leal - *Onomástico*31 Ir. João Batista(João Carlos) Saraiva Pinheiro - *Aniversário*

ABRIL

18 Ir. Maria das Graças (Yêda) Medeiros - *Aniversário*23 Ir. Edwiges (Maria do Carmo) Rodrigues Rosa - *Aniversário*

DIÁLOGO



UMA FOLHA D

Descoberta
Debate
Discussão
Difusão
Divulgação
Da mensagem
BENEDITINA

Informativo trimestral dos Oblatos
do Mosteiro de São Bento de Brasília
Outubro a Dezembro de 2006 - Ano 4 - nº 13

A PALAVRA DO PRIOR

TEMPO DO ADVENTO: NOSSO ITINERÁRIO DE BELÉMA
BETÂNIA, DE BETÂNIA A BELÉM...

DOM HUGO DA SILVA CAVALCANTE, OSB

Conduzidos pelo Evangelista São Lucas estamos a percorrer ou já percorremos, na altura em que esse estiver a ser lido, o nosso itinerário neste Advento do ano da Graça do Senhor de 2006 = tempo, por excelência, do Encontro: com o Deus-Menino, com o Deus-Conosco, com o Deus-Irmão, com o nosso Salvador, que é o Cristo Senhor (cf. Lc 2,11), Único Salvador de toda a humanidade. A iniciativa desse Encontro é sempre d’Ele: ele vem até nós, se humilda, querendo fazer do nosso coração, da nossa vida, sua nova manjedoura para nascer, o novo lugar onde quer estabelecer a sua tenda, a sua morada. Se a iniciativa do Encontro é dele, nossa é a iniciativa do deixar-se encontrar, como resposta à graça que nos é cotidianamente doada, de vivermos questionando: e nós o que devemos fazer? (cf. 3,10); como devemos preparar essa acolhida? As questões aqui levantadas poderemos, então, responder: vivendo bem o nosso dever de estado, as pequenas coisas do dia a dia, buscando a heroicidade da fidelidade a nossa vocação, que deve corresponder à chamada universal à santidade, pois se no Filho somos filhos, seremos santos, porque é fiel Aquele que nos chama à comunhão com Deus-Trindade, que é o Amor por antonomásia. Lembremo-nos que somente acontecerá esse Encontro, se nos dispusermos, docilmente, a Ele.

Bem sabemos que Belém significa a Casa do Pão; Aquele, portanto, que se fez pão, nasceu nessa casa para que pudesse, de modo sublime, nos alimentar do seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade, sendo esse um modo singular de estar presente, sendo esse um modo especialíssimo de termos com Ele o nosso Encontro. Não podemos participar da mesa do Senhor, plenamente, se não somos capazes de partilhar o pão material; nesse Advento, neste Natal, partilhar, é sem dúvida alguma, uma das formas de nosso Encontro com o Cristo, sobretudo presente nos mais necessitados, naqueles que não tem acesso ao mínimo de pão, e que muitas vezes, até o recebe, mas, lamentavelmente, não conjuntamente com a dignidade de serem pessoas, em gestos de mero assistencialismo que podem retornar aos tempos romanos do pão e circo, simplesmente. O pão, fruto do trabalho dignifica o homem, essa dignidade recorda a sua condição de filho de Deus, sendo assim convidado, verdadeiramente, também a participar do banquete eucarístico, que é alimento e bebida que

nos sustentam em nossa caminhada.

Nós que, pretensamente seguimos a Cristo, apesar dos pesares, que são os nossos pecados, temos que estar prontos para rever as motivações que nos levam até Ele; segui-Lo, para que então sejamos seus discípulos, nos exige antes de tudo, perceber, que não temos mais a posse de nós mesmos ou de qualquer coisa, mas devemos aprender a fazer como ele o dom de Si mesmo, a partilha daquilo que temos, da nossa própria vida, num gesto de aniquilamento, cuja fragilidade do Menino da majedoura – aquilo que somos, não nos pode jamais fazer esquecer a grandeza de que Ele é o Cordeiro que se imola, remindo a toda humanidade, tirando o pecado do mundo, nos fazendo participar da sua natureza divina, nos dando a graça da imortalidade. Assumiu a nossa natureza humana, para que nos tornássemos partícipes da sua divina natureza.

Somente poderemos adentrar na Casa do Pão se participamos, dantes, da Casa da Amizade; de Jesus, os Apóstolos e agora nós todos, não somos apenas servos, mas amigos, pois Ele nos revelou tudo aquilo que ouviu do Pai (cf. Jo 15,15). Betânia é a Casa da Amizade, nela encontramos Jesus junto aos três irmãos-amigos, nessa Casa, encontramos-nos com Maria (10, 38-42), que escolheu a melhor parte, que é aquela de ser discípula, em um gesto de escuta, de contemplação e depois de total serviço, ungindo o Senhor (Jo 12,3). Jesus antes de conduzir os discípulos à consciência de que participariam da mesma sorte, fez com que eles passassem pela Casa de Betânia (11, 11), desse modo, fez viver a experiência da casa da amizade àqueles que também deveriam se tornar partícipes da Casa do Pão, sendo também eles trigo a ser moído.

Que da Casa da Amizade (Betânia), lugar do encontro com Jesus nos irmãos, sejamos também nós conduzidos à Casa do Pão (Belém), lugar do encontro com Jesus eucarístico, que nos ajuda a fazer o caminho inverso, seguindo, assim, como discípulos, Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6), para que toda pessoa humana, coração da paz, chegue um dia a Jerusalém do alto, visão de paz. Que a nossa comum união como irmãos, nos leve a Comunhão na Santíssima Eucarista: sacramento-sacrifício; sacramento-presença; sacramento-comunhão.

DISTRIBUIR COM EQUIDADE

Ir. JOÃO EVANGELISTA (JOÃO) GODINHO BARROS, OBL. OSB

Há um trecho do evangelho de São João que todos conhecem e que a todos encanta. Refiro-me à descrição do milagre da multiplicação dos pães e peixes operado por Jesus (Jo 6, 1-15). Por estarmos mais do que familiarizados com o texto, julgo-me dispensado de o reproduzir. Prefiro tentar refletir sobre o que nos ensina para utilização nos conturbados tempos atuais.

Deparamo-nos no Brasil, como bem sabemos, com desigualdade chocante na distribuição da renda nacional, o que conduz à coexistência cada vez menos pacífica entre uma pequena minoria abastada e uma esmagadora maioria composta de pobres e – o que é ainda mais alarmante e confrangedor – miseráveis. Já me foi dado ouvir de pessoas, por assim dizer, bem postas na vida o seguinte comentário que cito de memória: – “Sempre houve ricos e pobres; era assim no tempo de Cristo e seguirá sendo assim, enquanto o mundo for mundo”. Tratar-se-ia de deturpação, talvez involuntária, da afirmação de Jesus: – “Pobres, sempre os tereis”, inserida em contexto distinto.

É inquietante a insensibilidade de tais indivíduos que se auto-intitulam cristãos. Chega a embotar-lhes o raciocínio, impedindo-os de discernir por exemplo a diferença entre pobres, que possuem porém o mínimo necessário à existência, e miseráveis, que não conseguem acudir sequer ao seu sustento básico. Apazigua-lhes a consciência a oferta de esporádicas esmolas, algumas até generosas. Esquecem no entanto que tal desequilíbrio, não resolvível dessa forma, termina por fomentar a violência, da qual aliás todos se queixam sem cessar. E entendem que se trata de obstáculo a ser superado pelas autoridades competentes – e exclusivamente por elas –, não se dando conta de que não há governo capaz de, por si mesmo, eliminar todas as mazelas da vida moderna. Os três exemplos a seguir são elucidativos do que acabo de mencionar: 1 - de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), metade das famílias brasileiras com renda per capita de até um quarto do salário mínimo nada recebe do Governo; 2 - certas de que o Estado não pode tudo sozinho e de que as demandas sociais acabam por constituir-se em entra-

ves ao desenvolvimento do processo produtivo, as empresas vão procurando ocupar novos espaços. Estudo elaborado pelo IPEA revela que, em 2004, a iniciativa privada investiu R\$4,7 bilhões em ações voltadas para a comunidade. Receberam apoio direto campanhas que têm como foco a alimentação, a assistência social e as creches, bem como projetos nas áreas de saúde, educação e lazer. A mola propulsora do movimento é humanitária – incentivos tributários motivaram apenas 2% das organizações; 3- Brasília, que ostenta o honroso título de Patrimônio Cultural da Humanidade, revela indicadores sociais nada honrosos. Dados nacionais que integram o relatório da ONU Habitat 2006 demonstram que a capital do país sofreu o maior impacto de favelização, de 1991 a 2000. Nesse período, o número de favelas no DF aumentou cinco vezes. Ao que eu saiba, não foram divulgadas outras informações que possibilitem vislumbrar mudança de rumo.

Sem querer em absoluto eximir os dirigentes da considerável responsabilidade que lhes cabe no assunto, parece-me vital reafirmar o óbvio: é significativo o que temos a apresentar para buscar a reversão dessa perversa tendência. À luz do evangelho, percebemos com nitidez que o pouco posto em comum e partilhado com honestidade e critério sacia a fome de muitos – fisiológica e, em última análise, de justiça. Cabe a nós cristãos-católicos, membros da Igreja, bradar à consciência dos irmãos e irmãs, sacudindo-a para que possa enfim assimilar que, desde sempre, essa bandeira nos pertence. A partilha é a saída para a eliminação de inúmeras situações intoleráveis observadas no dia-a-dia. E a supressão do desperdício – praga da sociedade de agora, reprovada no evangelho a que aludo, mas encontrada principalmente nos países mais desenvolvidos como tive a oportunidade de testemunhar – aponta o bom caminho para o equacionamento desses problemas. Contribui, ademais, para que não se instale nas camadas menos aquinhoadas da população uma compreensível e justificável sensação de revolta, diante de cenários de esbanjamento vis-à-vis necessidades fundamentais não atendidas.

Em ordem semelhante de idéias,

lembramo-nos de que o Grito dos Excluídos cujo tema é “Na força da indignação, sementes de transformação”, promovido pela CNBB e por movimentos sociais, precisa ser ouvido atentamente pelos incluídos. E muito mais com o coração do que propriamente com os ouvidos, conforme nos ensina aliás N. P. S. Bento no prólogo da Santa Regra. Lançado no Dia da Independência, espera-se que abraque corações e surta efeitos benéficos e duradouros. Mas, a sua motivação não pode resumir-se à produção de ruído, por mais ensurdecedor que seja. O que se busca não é – ou não deveria ser – a promoção de estrepitosas arruaças. Mister se faz **agir**, aglutinando a sociedade civil em torno de movimentos sociais idôneos, isto é, que estejam longe de objetivos panfletário-demagógicos. Se a iniciativa se revestir de seriedade, as sementes de transformação hão de produzir os frutos desejados.

Não é meu ingênuo intuito reduzir à expressão mais simples a problemática brasileira e, sobretudo, o tema

da violência. As causas são muitas – avultando entre elas a assimetria na repartição da renda – e as soluções complexas. O que estou procurando expressar é que não podemos permanecer de braços cruzados, ou seja, não nos é lícito adotar um posicionamento passivo ante o desenrolar dos graves acontecimentos dela resultantes. Se a todos dizem respeito, estão a exigir atuação dinâmica de todos, com natural realce para os cristãos-católicos.

Concluo pois essa tentativa de reflexão ponderando que, se professamos a mesma fé em Cristo, não pode haver motivo para dissensões entre nós. Precisamos, isto sim, nos unir em torno da causa comum de propiciar condições dignas de vida aos irmãos e irmãs excluídos, tendo em mente os preciosos ensinamentos que Jesus nos legou. **Distribuir com equidade:** eis o que nos ajudará a escapar da arapuca em que nos vemos aprisionados. Fácil não é. Mas, poderemos lográ-lo, com o imprescindível auxílio da graça.

Seniores da Congregação

Desde o dia 25 de novembro, a Congregação Beneditina do Brasil tem novo monge Senior em idade, Dom Lourenço de Almeida Prado, da Abadia de Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro. E também, novo monge Senior em profissão, Dom Plácido Böckl, da Abadia de Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo.

Falecimentos

Nos unimos em oração de sufrágio às nossas comunidades da Abadia de São João, de Campos do Jordão, da Abadia do Salvador, de Salvador, e da Abadia de Nossa Senhora do Monserrate, do RJ, pela partida das irmãs e irmãos, Ir. Stephania Pedersen, Ir. Ana Maria Alves de Souza e Ir. Nicolau Müller Portman e D. Lucas da Cunha Guimarães. Nosso desejo que descansem em paz.

Informação

O nosso D. Prior, desde maio p.p., está encarregado, em nosso país, do **Diálogo Inter-religioso Monástico**, tendo enviado recentemente, aos Mosteiros e Comunidades *sub Regula Benedicti*, o último boletim do DIM, traduzido pela Dra. Olga Sodré.

Desejamos que haja bom crescimento dos nossos Mosteiros em se aproximar das outras Religiões, descobrindo suas riquezas e fazendo-as conhecer as riquezas que nos trouxe o Deus-Conosco, único Salvador de toda a humanidade. A Igreja confia nomeadamente essa missão à nossa capacidade de diálogo. Que o coração de muitos se abra a tal tarefa.

MARIA: RAINHA DOS MONGES

DOM JUSTINO SILVA DE SOUZA, OSB

“Rainha dos monges” é um dos muitos títulos atribuídos à Virgem Maria na tradicional ladainha lauretana, cantada anualmente pelos monges em preparação à festa da Imaculada Conceição. Rainha ela o é por direito, pois é a mãe do nosso Rei. Mas ela o é também por devoção, pois deve reinar sobre nós, monges.

E de que modo reina ela sobre nós? Sobretudo pelo exemplo. Maria se sobressai no evangelho como a mulher do silêncio, que se limita a dizer o essencial. É aquela que medita no seu coração os acontecimentos da vida de Jesus. (Lc 2,51) É também aquele que intercede pelos necessitados. (Jo 2,1-12) Por fim, é aquele que procura falar com Jesus, mas reconhecendo sua condição de discípula. (Lc 8,19-21) Em tudo isso, Maria se mostra modelo da Igreja e, de modo particular, das ordens monásticas.

Mas além de modelo, Maria é também “tipo” da Igreja, ou seja, ela prefigura em si mesma a própria Igreja na sua plenitude. Maria foi aquela que gerou e contemplou o Cristo em vida. Do mesmo modo, a Igreja é aquela que gera o Cristo na missão e nos sacramentos e contempla esse mesmo Cristo no seu mistério. Maria é a mulher orante por excelência e

com isso se depreende que a missão da Igreja só será fecunda se for precedida por uma autêntica e profunda oração.

A Igreja é portanto ao mesmo tempo missionária e contemplativa. A primazia, porém, cabe à contemplação, ou seja, à oração, e Maria é o símbolo mais eloqüente da Igreja em oração. Por isso Maria é figura particularmente venerada pelos monges, pois a nossa piedade é no fundo uma piedade mariana.

O documento magisterial **Dominus Jesus** afirma claramente que não se pode falar propriamente de Igreja onde não há sacramentos e, de modo especial, onde não há eucaristia. Ora, onde o corpo de Cristo está presente, aí está necessariamente Maria. E onde está Maria, aí está a adoração e a contemplação do mistério de Cristo.

Podemos então afirmar que onde está Maria, aí está a verdadeira Igreja, a bela esposa do Cordeiro, sem ruga e sem mancha. A beleza da Igreja católica reside justamente na existência em seu seio de institutos eminentemente missionários e de institutos eminentemente contemplativos, como são os mosteiros. E estes, assim como Maria, estão na Igreja como parte essencial dela.

- Nossos agradecimentos a Dom José Gabriel Araújo de Oliveira pelos serviços prestados como Prior Conventual do Mosteiro de Garanhuns tendo renunciado ao seu munus em setembro passado. Nossa ação de graças pela eleição, como Prior-Administrador do Mosteiro de Garanhuns, de Dom Gregório Pereira Lima, monge-presbítero da Abadia de Nossa Senhora do Monserrate, do Rio de Janeiro.

- “A pessoa humana, coração da paz” é o título da mensagem do Santo Padre, Bento XVI, para a celebração do dia mundial da paz, que está à disposição dos fiéis que frequentam o nosso Mosteiro.

- Desde o início de novembro, o nosso Assistente Espiritual, D. Justino Silva de Souza é o subprior do Mosteiro. Pedimos ao Espírito Santo que lhe conceda as luzes necessárias para o empenho dessa nova missão.

- Seja benfeitor e colaborador do Mosteiro! Para fazer doações, deposite no **Banco do Brasil**, agência nº **2887-8** conta nº **78186-X**. Para outras informações, consulte Dom Patrício.

- Leia, assine e divulgue a **Revista Beneditina**. Contato por meio de **publicacoesmonasticas@yahoo.com.br** ou com Dom Prior Hugo.

DIÁLOGO é produzido pelos Monges e pelos Oblatos do Mosteiro da Santa Cruz.

Prior Dom Hugo da Siva Cavalcante, OSB
Jorn. Resp.: Norma Marquez Eleutério